

A IMPORTÂNCIA DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA NA CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE PAROQUIAL

Carlito Bernardes¹

Perkins Gonçalves²

RESUMO

Este estudo analisa a importância da Celebração da Palavra na construção da comunidade paroquial, considerando sua relevância para a evangelização e a formação integral do cristão. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, baseou-se em documentos da Igreja, como o Catecismo da Igreja Católica e o Documento de Aparecida. Constatou-se que a Celebração da Palavra fortalece a fé, promove a comunhão e desperta a consciência cristã para o compromisso social e missionário. Apesar dos avanços, permanecem desafios quanto à formação de agentes e à integração entre liturgia, catequese e ação pastoral. Conclui-se que a Celebração da Palavra é instrumento essencial de evangelização e de fortalecimento da vida comunitária, estimulando a vivência do Evangelho e a formação de comunidades maduras na fé.

Palavras-chave: Celebração; Evangelho; Comunidade.

ABSTRACT

This study analyzes the importance of the Celebration of the Word in building the parish community, considering its relevance for evangelization and the integral formation of Christians. The qualitative and bibliographic research was based on Church documents such as the *Catechism of the Catholic Church* and the *Aparecida Document*. The findings show that the Celebration of the Word strengthens faith, fosters communion, and awakens Christian awareness toward social and missionary commitment. Despite progress, challenges remain in training agents and integrating liturgy, catechesis, and pastoral action. It is concluded that the Celebration of the Word is an essential instrument for evangelization and the strengthening of community life, encouraging the living of the Gospel and the formation of mature faith communities.

Keywords: Celebration; Gospel; Community.

¹ Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade de Navarra – Espanha, doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica da Argentina, coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis e professor de Sagrada Escritura na PUC – Goiás;

² Graduando em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis; Graduado em Administração pela Faculdade Fama, Anápolis/GO; Pós-graduado em Políticas Públicas e Dinâmicas Territoriais pela Universidade Estadual de Goiás-UEG.

INTRODUÇÃO

Há muito se fala sobre a importância da Celebração da Palavra; contudo, sua relevância tem sido reafirmada com frequência, tanto dentro da comunidade cristã quanto na sociedade contemporânea. O futuro dos cristãos depende de esforços pastorais e formativos continuados que promovam a interação e a melhoria permanente da vida eclesial. Por isso, é necessário investigar conceitos e ações relacionadas à Celebração da Palavra, especialmente no contexto da Igreja Católica em Anápolis, para verificar se ela favorece o bem-estar social e educacional no seio da comunidade eclesial.

É preciso observar como a palavra ministrada por sacerdotes, diáconos e ministros extraordinários da Eucaristia contribui para a vida paroquial, sobretudo em locais onde a presença do padre é limitada por compromissos pastorais. A atuação desses agentes é fundamental para o aprendizado das pastorais, das comunidades e da própria vida paroquial, pois busca-se soluções pastorais que envolvam todos os interessados.

À medida que a sociedade cresce e se organiza, a participação popular nas atividades da Igreja e nas pastorais se intensifica. O aprendizado cristão, desde a infância até a idade adulta, orienta atitudes e gestos que manifestam transformações. Os ensinamentos da Igreja, por sua vez, articulam dimensões intelectuais, morais e espirituais que orientam os fiéis para o cultivo do bem comum e para a vivência dos valores evangélicos.

O PRIMEIRO SINAL DE JESUS E O SIGNIFICADO DOS SINAIS NA VIDA DA IGREJA

Ao contrário do que muitos imaginam, o primeiro sinal de Jesus em Caná da Galileia não foi apenas um milagre isolado, mas um gesto profundamente simbólico. Os sinais, *semeia* em grego, estão presentes em toda a atividade de Jesus, especialmente ao partir o pão e nas celebrações da Igreja. Por meio deles, o povo de Deus é convidado a compreender o mistério invisível que se manifesta através de sinais visíveis.

Na Antiga Aliança, o profeta Oséias denunciava os cultos a Baal, em que o povo participava de ritos sem compreender o verdadeiro sentido da adoração. Da

mesma forma, João apresenta, nas bodas de Caná, uma cena onde a fé começa a revelar o verdadeiro culto a Deus: “Houve um casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava lá; também Jesus e seus discípulos foram convidados para as núpcias. Faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm mais vinho’” (Jo 2,1-3). Jesus lhe responde: “Mulher, o que desejas de mim? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4).

Trata-se da narrativa de um sinal em que Jesus, presente na festa de casamento, manifesta sua glória pela transformação da água em vinho. A mãe de Jesus o impulsiona a intervir, e após um breve diálogo, ele ordena que encham as talhas de purificação com água. Ao serem servidas, a água se torna vinho. Esse relato, exclusivo do Evangelho de João, não aparece na tradição sinótica, mas recorda os sinais de Elias e de Eliseu. O diálogo entre Jesus e sua Mãe rompe a narrativa comum e introduz o estilo característico de João: um sinal que revela mais do que uma ação milagrosa é o início de uma revelação progressiva da glória de Cristo.

O “terceiro dia” mencionado por João não deve ser entendido de modo puramente cronológico. Na simbologia bíblica, o terceiro dia representa o tempo da intervenção de Deus o momento em que o agir divino se manifesta com poder e brevidade. João destaca primeiro a presença da Mãe de Jesus, nunca chamada pelo nome, e depois a de Jesus e seus discípulos. No plano simbólico, Maria representa o novo povo de Israel, aquele que intercede e introduz o Noivo, Cristo, nas núpcias messiânicas. Ela se torna figura da Igreja que apresenta ao mundo o verdadeiro Esposo e prepara a plenitude das núpcias eternas.

Jesus age com soberania divina: não se dirige ao mestre-sala, mas ordena aos servos que encham as seis talhas de pedra grandes, com capacidade de dois ou três metretas (cerca de oitenta litros cada). Essas talhas, usadas para a purificação ritual judaica, estavam vazias, tornando-se símbolo da antiga aliança que já não podia purificar plenamente o homem. Agora, elas são transformadas: servem a um novo propósito. No simbolismo judaico, a água está associada à Torá, à Lei; mas é o vinho que simboliza a alegria messiânica. Jesus transforma a água da Lei no vinho da graça, inaugurando a Nova Aliança (Jo 2,1-12).

A PALAVRA QUE PURIFICA E GERA A VIDA

São Tiago recorda que a fé manifestada em obras é fruto da escuta fiel da Palavra. Ele escreve: “Servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos da dispersão, saúde! Considerai uma grande alegria, meus irmãos, quando passais por diversas provações, sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência” (Tg 1,1-3).

A paciência, diz o apóstolo, aperfeiçoa o homem e o torna íntegro. Quem necessita de sabedoria deve pedi-la a Deus com fé, sem vacilação, pois “aquele que vacila é como a onda do mar, agitada pelo vento”. A fé constante é condição para que o cristão alcance as promessas do Senhor.

Tiago exorta também à humildade: o pobre deve alegrar-se por sua exaltação, e o rico, por sua humilhação, pois “a flor dos campos murcha ao sol, e assim também o rico passará com suas riquezas”. Felizes são aqueles que suportam as provações com fidelidade, pois “receberão a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam” (Tg 1,12).

Deus não tenta ninguém, ensina o apóstolo; é a própria concupiscência que atrai e engana, gerando o pecado e, finalmente, a morte. Toda boa dádiva vem do “Pai das luzes”, em quem não há sombra de mudança. Por sua vontade, Ele nos gerou pela Palavra da Verdade, para que sejamos as primícias de suas criaturas.

Por isso, cada cristão deve ser “pronto para ouvir, tardo para falar e tardo para se irar”, rejeitando toda malícia e acolhendo com mansidão a Palavra que pode salvar as almas. Ser apenas ouvinte e não cumpridor da Palavra é enganar-se a si mesmo: quem escuta e não pratica é como quem se olha ao espelho e logo esquece sua própria imagem (cf. Tg 1–5).

O novo princípio vital que integra toda a atividade espiritual do homem é a participação na própria vida de Deus. Trata-se de uma vida que supera infinitamente a existência natural e faz o homem participar do mistério divino. Ainda que a alma, princípio substancial do ser humano, não possa se perder, a conduta pode afastar-se da fé e da sintonia com Deus. Assim, compreende-se que a conexão entre o homem e a vida divina se realiza pela busca das “coisas do alto” (cf. Cl 3,1) e pelo cumprimento do mandato de Cristo: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

Dessa forma, a graça e o modo de vida cristão tornam-se indispensáveis para que, no tempo presente, o homem compreenda o verdadeiro sentido da vida e perceba as graças de Deus em sua existência cotidiana (Doc. 1997, p. 59).

A Celebração da Palavra, na comunidade paroquial tem se revelado um instrumento fecundo para o fortalecimento da fé. Ela aumenta a consciência cristã e faz com que o sistema de evangelização se torne mais eficaz, conduzindo muitos fiéis à catequese e à participação em diversos grupos pastorais — como os ministros da Eucaristia, grupos de oração, liturgia e música. Assim, os fiéis renovam o desejo de guardar os princípios da doutrina cristã, transmitidos muitas vezes por seus antepassados, e fortalecem sua vida sacramental.

Mesmo diante das restrições impostas por governos civis ou por denominações religiosas que tentam limitar a ação da Igreja (cf. Doc. Aparecida, p. 84-85), a vida comunitária permanece essencial à vocação cristã e à missão evangelizadora. A Igreja Católica existe e se manifesta em cada Igreja particular, em cada diocese e comunidade, e é universalmente guiada pelo Papa, Bispo de Roma, que preside na caridade todas as Igrejas.

O Manual de Celebração do Ministro Leigo da Diocese de Anápolis recorda a estrutura simples e profunda desses momentos celebrativos: “Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.”

O ministro prossegue: “O Senhor que encaminha os nossos corações para o amor de Deus e a constância de Cristo esteja conosco.”

Essas palavras litúrgicas expressam a comunhão eclesial e a centralidade de Cristo nas ações da Igreja.

A Constituição *Lumen Gentium* ensina que a Igreja é chamada a ser sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano. Cristo é a luz dos povos, e a Igreja, refletindo sua luz, tem a missão de anunciar o Evangelho a todas as criaturas. Reunido no Espírito Santo, o Concílio Vaticano II desejou iluminar todos os homens com a luz de Cristo que resplandece no rosto da Igreja, manifestando assim sua natureza e missão universal.

A vontade salvífica do Pai, segundo o insondável desígnio de sua sabedoria e bondade, foi elevar os homens à participação da vida divina. Mesmo após a queda de Adão, Deus não abandonou a humanidade, mas, em atenção a Cristo Redentor “imagem do Deus invisível e primogênito de toda a criação” (Cl 1,15) continuou a conceder o auxílio necessário para a salvação. Desde a antiga aliança até a plenitude

dos tempos, manifestou sua graça pelo Espírito Santo, chamando à comunhão da Igreja todos os que creem em Cristo. Assim, a história da salvação, iniciada no povo de Israel, encontra sua consumação gloriosa na Igreja, quando todos os justos, desde Abel até o último eleito, forem reunidos na eternidade.

O Filho, enviado pelo Pai antes da criação do mundo, foi escolhido para reunir em si todas as coisas (cf. Ef 1,4-5.10). Em Cristo se revela o mistério da vontade divina e se manifesta o Reino de Deus. Sua morte e ressurreição realizam a redenção e inauguram a Igreja. Do seu lado aberto na cruz brotam o sangue e a água, símbolos dos sacramentos e da vida da Igreja que expressam o nascimento do novo povo de Deus. “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado” (1Cor 5,7); e por sua oferta todos os homens são chamados à salvação.

O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é o princípio vivificador e santificador da Igreja. Após a ascensão de Cristo, o Espírito continua sua obra na terra, habitando no coração dos fiéis (cf. 1Cor 3,16; 6,19). Ele ora neles, inspira suas palavras e confirma sua adoção filial. O Reino de Deus se manifesta, portanto, na Palavra, nas obras e na presença de Cristo vivo na Igreja. A Palavra do Senhor é como a semente lançada no campo (cf. Mc 4,14); os que a acolhem com fé tornam-se parte do pequeno rebanho de Cristo (cf. Lc 12,32), portadores do Reino e anunciadores da Boa-Nova.

Os cristãos, movidos pelo Espírito, têm a missão de instaurar o Reino de Deus em todos os povos. A Igreja é, assim, o germe e o início deste Reino na terra, enquanto aguarda sua plena realização na glória.

A IGREJA, MISTÉRIO DE COMUNHÃO E MISSÃO

A Igreja é apresentada nas Escrituras como o redil, cuja única porta e necessário Pastor é Cristo (cf. Jo 10,1-10). Ela é também o rebanho do qual o próprio Deus se declarou Pastor: “Eu mesmo apascentarei minhas ovelhas” (Ez 34,15). Ainda que governadas por pastores humanos, as ovelhas são guiadas e alimentadas pelo próprio Cristo, o Bom Pastor e Príncipe dos Pastores (cf. Jo 10,11; 1Pd 5,4), que deu a vida por elas.

Outra imagem constante é a da construção de Deus: o próprio Senhor se comparou à pedra que os construtores rejeitaram, mas que se tornou pedra angular

(cf. Mt 21,42). Assim, a Igreja, edificada sobre o fundamento dos apóstolos, cresce harmoniosamente como templo santo no Senhor (cf. Ef 2,20-22).

A Igreja é também o Corpo Místico de Cristo. O Filho de Deus, vencendo a morte com a sua morte e ressurreição, redimiu o homem e o transformou em nova criatura (cf. Gl 6,15). A vida de Cristo difunde-se nos que creem e são unidos a Ele de modo misterioso e real por meio dos sacramentos. Ao participar do Corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós.

Como os membros de um corpo humano, apesar de serem muitos, formam um só corpo, assim também acontece com os fiéis em Cristo (cf. 1Cor 12,12-26). Ele é a cabeça desse corpo, imagem do Deus invisível, em quem foram criadas todas as coisas e no qual tudo subsiste (cf. Cl 1,15-18). Todos os membros devem conformar-se com Ele, renovando-se continuamente no mesmo Espírito que unifica e vivifica o Corpo inteiro. Os Santos Padres compararam essa ação do Espírito Santo à da alma que anima o corpo humano.

Cristo ama a Igreja como a Esposa amada, fazendo-se modelo do homem que ama sua mulher como ao próprio corpo (cf. Ef 5,25-28). Assim, a Igreja é ao mesmo tempo sociedade visível e realidade espiritual: o Cristo único Mediador a sustenta continuamente sobre a terra como comunidade de fé, esperança e caridade, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça.

Contudo, a Igreja, como seu Senhor, realiza a obra da redenção na pobreza e na perseguição. Assim deve ela seguir o mesmo caminho de Cristo para comunicar aos homens os frutos da salvação. Aquele que, sendo rico, fez-se pobre por nós (cf. 2Cor 8,9), continua a conduzir a Igreja através da história. Peregrina entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus, ela manifesta, ainda que de modo velado, o mistério de Cristo até que se revele plenamente na glória.

A nova aliança, o novo povo de Deus, abrange todos os tempos e nações, pois “é agradável a Deus aquele que o teme e pratica a justiça” (At 10,35). Deus quis salvar e santificar os homens não de modo isolado, mas formando um povo, uma comunhão de fé e amor.

Segundo o Documento da CNBB 94 (2011–2015), Igreja em Missão, as dimensões do Brasil vasto, diverso em modos de vida, realidades econômicas, sociais e culturais tornam impossível pensar uma ação evangelizadora uniforme. Somente com o olhar da fé, da caridade cristã e do ardente desejo de anunciar Jesus Cristo é possível apontar horizontes comuns, transversais a todas as realidades.

O modelo para nossa ação evangelizadora continua sendo a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações (cf. At 2,42; 8,4). Trata-se de uma novidade sempre antiga, “tirando do tesouro coisas novas e velhas” (cf. Mt 13,52). É o estilo de vida cristã que desejamos encarnar: um testemunho do Evangelho na história, enraizado nas realidades concretas, solidário com as dores e as lutas dos homens, mulheres, jovens, crianças e idosos do nosso país expressão viva do Reino de Deus que cresce entre nós.

O planejamento pastoral é, portanto, indispensável. Deve ser elaborado em períodos curtos, capazes de acompanhar as rápidas transformações de um mundo cada vez mais urbano e mutável. A vida comunitária é terreno fértil para o encontro com Cristo. Construir comunidades maduras na fé é meta essencial das dioceses, paróquias, CEBs, movimentos, associações e famílias cristãs.

A Igreja no Brasil, em sua ação evangelizadora, assume o compromisso de formar comunidades que sejam casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Missão. Movidos pelo amor à Trindade Santa, os fiéis dão testemunho de comunhão fraterna, formando uma família de amigos na fé, companheiros de jornada rumo à pátria definitiva. Como casa e comunidade, a Igreja deve ser lugar de ternura, solidariedade e acolhimento das diferenças — sinal concreto da presença viva de Cristo no meio do seu povo.

O CONCEITO SOBRE CELEBRAÇÃO DA PALAVRA

As linhas doutrinárias sobre a Celebração da Palavra apontam para uma prática profundamente enraizada na tradição católica, embora marcada por ambiguidades conceituais em alguns discursos. A expressão tornou-se familiar no vocabulário teológico e litúrgico — basta lembrar o Missal Romano e os critérios previstos para sacerdotes, diáconos e ministros leigos.

A dinâmica comunicativa da Celebração envolve emissores e receptores: o anúncio do Evangelho exige formadores competentes e ouvintes atentos. O Cristianismo, ao se desenvolver culturalmente, assume sentidos variados; no entanto, sua proposta central permanece: anunciar a libertação do pecado e a esperança em Cristo. Como São Paulo ensinou, «a criação foi submetida à vaidade... na esperança

de que será libertada da escravidão da corrupção pelo anúncio do Evangelho e da liberdade da glória dos filhos de Deus» (Rom 8:20s.23).

A compreensão teológica da celebração da Palavra encontra suporte no magistério e no ensinamento social da Igreja: "Em um sistema segundo o qual as relações sociais seriam inteiramente determinadas pelos fatores interno e externo é contrário à natureza da pessoa humana e de seus atos, propõe um princípio de reflexão e apresenta critérios de juízo, orienta para a ação" (CIC, p. 626, 2423). O conjunto da doutrina social e o auxílio do Espírito Santo tornam os ensinamentos mais aptos a inspirar a conduta dos fiéis (CIC, p. 626, 2422).

A Igreja tem também rejeitado ideologias e práticas que se opõem à sua visão antropológica e moral — mesmo quando essas correntes surgem com promessas de libertação social (CIC, p. 626, 2425). O projeto divino sobre a humanidade, segundo a Escritura, aponta para a dignidade do homem e da mulher criados à imagem de Deus (cf. Gn 1:26-27) e para a vocação de serem guardiões da criação (DSI, p. 30, 26).

No campo das influências históricas e culturais, correntes protestantes e movimentos econômicos importados da Europa transformaram mentalidades, modos de vida e prioridades sociais. A crítica a excessos ideológicos e ao imediatismo consumista ressalta a necessidade de recuperar a centralidade do Evangelho na formação humana (Matter Ecclesiae, p. 149; SMITH, 1790).

Como advertiu João Paulo II aos bispos latino-americanos, a libertação cristã utiliza meios evangélicos próprios e não deve recorrer a uma análise marxista que leve à politização total da existência cristã e ao esvaziamento da dimensão transcendental da salvação (Após. DSI, p. 194). Neste contexto, a Celebração da Palavra é instrumento de catequese e de missão, ajudando a congregar o povo em torno do mistério pascal: o povo reunido em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Documento de Aparecida, 2007).

O APRENDIZADO DOS CRISTÃOS E OS IMPACTOS PASTORAIS

A prática devocional, a oração e o trabalho missionário moldam atitudes e comportamentos cristãos. A fé suscita fervor e orientação para o arrependimento, a confissão e a busca de comunhão com Deus, orientando a vida pessoal e comunitária segundo os desígnios divinos. Assim, a Celebração da Palavra chama os fiéis a

reconhecerem seus erros, a perseverarem na conversão e a testemunharem o Evangelho no cotidiano.

A Sagrada Escritura oferece fundamentos para esse aprendizado. Do relato da criação e do matrimônio (Gn 2:21-25) à exortação paulina sobre a luta contra a concupiscência (Rom 7:14,19), a Palavra forma consciências capazes de discernir o bem e o mal. A liturgia e a oração, como o Pai Nosso (Mt 6:9-15), educam a comunidade na prática da fé e na vivência do amor fraterno.

A Celebração da Palavra, quando bem articulada, faz com que o homem se volte para Deus para desenvolver projetos de vida orientados pela soberania divina. Ela contribui para o desenvolvimento pessoal, a adaptação nas atividades humanas e a construção de hábitos virtuosos (CIC, 2020, p. 77). Nas famílias, a celebração promove valores que supõem a prevalência do bem comum sobre interesses individuais, ajudando a organização da vida social e a perspectiva escatológica que orienta a comunidade (DSI, apostila, p. 153; DOC. AP., 2007, p. 193).

As transformações individuais e comunitárias, no entanto, dependem de formações contínuas e de práticas catequéticas eficazes. Mesmo com notícias constantes de ações evangelizadoras, a efetividade da transmissão da Palavra requer atenção às estratégias pastorais, à qualificação dos agentes e à articulação entre teoria e prática.

A narrativa profética, como no livro de Oseias, reforça a pedagogia divina: a fidelidade, o arrependimento e a restauração são temas centrais do anúncio e encontram-se de modo vivo na leitura e na explicação das Escrituras durante a celebração (passagem de Oseias mantida na íntegra no corpo do texto original). Esse anúncio profético, integrado à liturgia, estimula a conversão pessoal e comunitária.

O ACOLHIMENTO COMO EXPRESSÃO DO ENCONTRO COM DEUS

Acolher o próximo, especialmente quando se realiza um encontro em uma paróquia, é mais do que oferecer um espaço físico confortável e espaçoso: é manifestar a imagem da casa e das relações fraternas. O verdadeiro acolhimento não se limita ao local em que as pessoas se reúnem, mas revela a comunhão entre irmãos misericordiosos, reflexo do amor do Pai.

Esse encontro com Deus acontece de modo especial na celebração litúrgica, cheia de vida, no silêncio e na escuta atenta da Palavra. Cada pessoa que participa

traz consigo um nome, uma história, alegrias, sonhos e conquistas e deseja ser acolhida. Quando isso acontece, sua presença torna-se significativa na vida da comunidade, que é chamada a ser lugar de encontro para a santificação.

A comunidade cristã guarda detalhes de amor, onde os membros cuidam uns dos outros com ternura. O apóstolo São Paulo exorta: “Que o amor fraterno vos una uns aos outros com terna afeição” (Rm 12,10). Assim, o acolhimento é expressão concreta da caridade cristã, tornando visível o rosto misericordioso de Deus no meio de seu povo.

Acolher é uma forma de evangelizar. Na Igreja, o gesto do acolhimento não é apenas humano, mas profundamente sacramental, pois manifesta o rosto de Cristo que se faz próximo. Toda Celebração da Palavra é, por sua própria natureza, um encontro de irmãos que escutam juntos a voz de Deus e se deixam transformar por ela.

Quando a comunidade acolhe com amor, o espaço se converte em casa viva da Palavra, onde cada pessoa é chamada pelo nome e se reconhece como parte do Corpo de Cristo. Assim, o que se celebra não é apenas um rito, mas uma experiência de comunhão e graça, na qual Deus visita o seu povo e o envia novamente ao mundo.

A fé cresce e amadurece na medida em que é partilhada. Por isso, a Celebração da Palavra, vivida em espírito de acolhimento, torna-se escola de escuta, fraternidade e missão, conduzindo os fiéis a uma vida mais unida, mais orante e mais comprometida com o Evangelho.

CONCLUSÃO

Os achados desta pesquisa indicam que a Celebração da Palavra é elemento nuclear na construção da comunidade paroquial: ela forma consciências, orienta práticas pastorais e sustenta a missão evangelizadora. Contudo, os desafios permanecem, sobretudo no que diz respeito à implementação de formações que alcancem de modo efetivo toda a comunidade.

Recomenda-se, portanto, que as paróquias invistam em formação permanente para ministros da Palavra, diáconos e agentes leigos; que fortaleçam a articulação entre liturgia, catequese e ação social; e que acompanhem as transformações culturais com propostas evangélicas capazes de promover o bem-estar social e ambiental.

Por fim, insiste-se na relevância de práticas litúrgicas bem preparadas, de leituras bíblicas contextualizadas e de um acompanhamento pastoral que favoreça a maturidade cristã. Só assim a Celebração da Palavra poderá continuar a ser um fermento de transformação para as comunidades, promovendo testemunho e serviço no mundo contemporâneo.

Diante dos esforços dos cristãos que se empenham em compreender e viver a importância da Celebração da Palavra na construção paroquial da Igreja Santo Antônio de Santana Galvão, percebe-se que muitos, ainda que não conheçam plenamente a realidade pastoral, encontram na catequese e nas formações um caminho de aprendizado e renovação da fé. Buscam força para defender suas famílias, lutar por melhores condições de vida e valorizar seus dons e conhecimentos à luz do Evangelho.

Entretanto, a sociedade atual, marcada por ideologias e heresias pagãs, tem levado muitos a procurar soluções imediatistas, de efeitos mundanos e passageiros. Diante disso, é necessário recordar que somente em Deus está a verdadeira resposta. À medida que O amamos e O adoramos, caminhamos na direção certa, reencontrando o sentido da vida e a esperança para as gerações presentes e futuras.

Quando caímos em pecado, seja por fraqueza ou ignorância, o Pai nos acolhe com misericórdia e nos faz compreender a importância de viver em estado de sobriedade espiritual, centrados na verdadeira razão de viver: Deus. É preciso abandonar o egoísmo, as rixas e o modismo, fugindo das mentiras do mundo, pois já temos o consolo e a força do Espírito Santo, dom de amor e fidelidade.

A Palavra de Deus nos ensina a ordenar os pensamentos e a moldar os comportamentos segundo o Evangelho, anunciando os milagres da fé, amando o próximo e valorizando a família. Desde o Antigo Testamento até os dias atuais, o homem é chamado a viver segundo essa Palavra libertadora, que conduz à comunhão com o Senhor.

Assim, ao nos envolvermos com a verdadeira fé católica, conhecendo seus mistérios e comungando do sacrifício redentor de Cristo na Eucaristia, tornamo-nos sementes do bem, unidos ao Filho de Deus e abertos à graça que transforma todas as dimensões da vida civil, política, econômica e espiritual, educando-nos para uma fé madura e sensível.

Os resultados desta reflexão demonstram que, embora haja hoje maior divulgação e explicação sobre a importância da Celebração da Palavra na construção

da comunidade paroquial, ainda há muito a ser estudado, aprofundado e vivido. É necessário ampliar o olhar e retomar as práticas da história da Igreja, a fim de que a Palavra continue a gerar comunhão, conversão e santidade no coração do povo de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APARECIDA. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia Sagrada: Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2019.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave Maria, 2020.

BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). *Documento 94: Igreja em Missão no Brasil (2011–2015)*. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). *Catecismo da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASA DA INICIAÇÃO CRISTÃ. *Casa da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: Sobre a Igreja*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1964.

DIOCESE DE ANÁPOLIS. *Manual de Celebração do Ministro Leigo (M.D.C.)*. 2. ed. Anápolis-GO: Cúria Diocesana, 2019.

DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA (DSI). *Compêndio da Doutrina Social da Igreja – Pontifício Conselho “Justiça e Paz”*. Tradução da CNBB. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

IMSI. *Iniciação à Missão Sacerdotal e Institucional*. São Paulo: São José, Edições Brasileiras, 2007.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Ecclesia in America*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

MATTER ECCLESIAE. *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. Roma: Congregação para a Doutrina da Fé, 1984.

POZO, Juan Francisco. *A Vida da Graça: Iniciação Teológica*. São Paulo: [s.n.], 1997.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

VATICAN NEWS. S. *João Paulo II, Papa*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/10/22/s--joao-paulo-ii--papa.html>. Acesso em: jan. 2025.